

## *O dito pelo não-dito*

Simone Correia TOSTES

Universidade Federal do Rio de Janeiro

**Resumo:** A complexidade semântica de um texto é verificada num ensaio jornalístico, cujo significado constrói-se não somente com “pistas” lingüísticas (*pressupostos*), mas com informações não-lingüísticas (*subentendidos*); portanto, os usuários da língua comunicam muito mais do que de fato escrevem.

**Palavras-chave:** complexidade semântica; “pistas” lingüísticas; pressupostos; informações não-lingüísticas; subentendidos.

**Abstract:** The semantic complexity of a text is shown in a newspaper essay, in which meaning is built up not only by means of linguistic “cues”, but also by non-linguistic information; therefore, language users *mean* much more than they actually write.

**Key words:** semantic complexity; linguistic “cues”; non-linguistic information.

**Resumen:** La complejidad semántica de un texto se observa en un ensayo periodístico, cuyo significado se construye no sólo con “huellas” lingüísticas (*presupuestos*), sino con informaciones no lingüísticas (*sobreentendidos*); por lo tanto, los usuarios de la lengua se comunican mucho más que lo que de hecho escriben.

**Palabras clave:** complejidad semántica; “huellas” lingüísticas; presupuestos; informaciones no lingüísticas; sobreentendidos.

## Introdução

Ao compreendermos um texto escrito ou falado, o fazemos intuitivamente, isto é, não sabemos como, mas existem “pistas” deixadas pelo autor ou falante que nos permitem recuperar os significados que pretendem comunicar. A tarefa do semanticista consiste, portanto, em esclarecer de que maneira somos capazes de reunir significados atribuídos a textos, ainda que essas dicas não tenham sido clara ou até previamente explicitadas.

O presente trabalho pretende ser uma análise de alguns princípios da *Linguística do Discurso*, particularmente aqueles associados à *intertextualidade* e a *pressupostos e subentendidos*. Optamos por verificar esses princípios na compreensão de uma coluna jornalística de humor. Ao lermos um texto humorístico de jornal, de certa forma, “ativamos” nossos mecanismos de leitura desse tipo de gênero textual, bem como associamos o dito ao não-dito, isto é, a todo momento, fazemos correlações que são motivadas por elementos que estão somente sugeridos no texto, e não expressos claramente.

Pretendemos, portanto, verificar que mecanismos nos permitem ultrapassar os limites do dito, a fim de compreendermos o não-dito. Estamos, então, trabalhando com fronteiras tênues entre os conceitos de pressupostos e subentendidos.

Este estudo terá como objeto de análise um texto jornalístico de Agamenon Pedreira, autor da coluna *Humor* do jornal *O Globo*, publicada no dia 25 de agosto de 2002, que faz associações entre textos aparentemente distantes, relacionando-os a acontecimentos das candidaturas dos presidencialáveis do Brasil.

Assim, o texto apresenta vários aspectos que podem ser relacionados aos conceitos de *pressupostos e subentendidos*,

bem como de *intertextualidade*. Esses mecanismos são amplamente utilizados ao longo do texto e constituem condição essencial de compreensão do humor, que, muitas vezes, não é revelado textualmente. O autor evoca o que seria sua opinião através de conhecimentos do mundo extralingüístico compartilhados com os leitores, que preenchem uma parcela expressiva do significado construído.

### 1. Objeto de estudo do Semanticista

O estudo da Semântica é imprescindível àqueles que estudam a linguagem humana, pois não existe linguagem sem significado, embora muitas vezes não sejamos capazes de atribuir significados às diversas manifestações de linguagem. A tarefa do semanticista torna-se indispensável para uma visão mais completa dos processos de comunicação, pois torna explícitos mecanismos subjacentes à compreensão de significados.

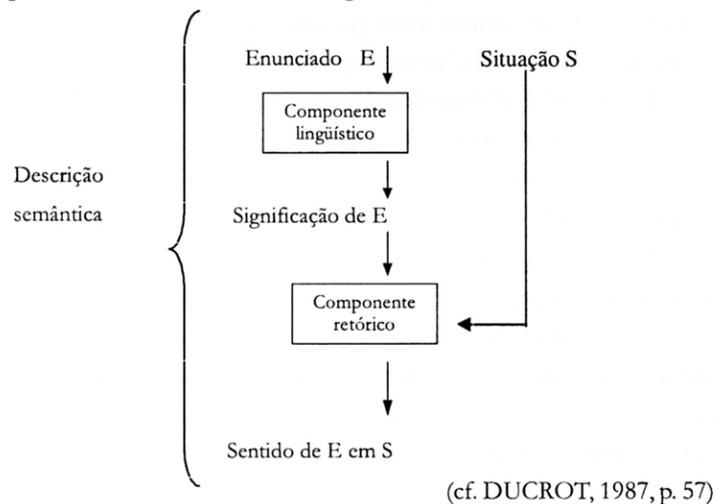
A produção e a interpretação de significados consistem em tarefas tão inerentes à linguagem que dificilmente nos damos conta de como esse processos se desencadeiam. O papel do semanticista inclui explicitar os mecanismos através dos quais (de)codificamos significados. Nessa tarefa, não importa se tratamos das modalidades oral ou escrita; entretanto, o funcionamento da “máquina de interpretar” construída por esse estudioso deve ser tão abrangente a ponto de dar conta de generalidades que abarquem esses dois modos de comunicação.

Trata-se de tornar explícito o implícito. Por exemplo, o semanticista deve considerar o fato de que os eventos no mundo lingüístico jamais serão “neutros”, ou “ingênuos”, e deve trazer à tona os mecanismos que acompanham a aparente isenção.

Ao lermos uma coluna de jornal intitulada *Internacional*, por exemplo, partimos de uma disposição para a leitura diferente de quando lemos outra intitulada *Humor*. No primeiro caso, ao seguirmos o princípio de cooperação (Grice, 1979), ou o “contrato de comunicação” (Chareudeau, 1995:51), partimos com uma expectativa de que ela seja constituída de um texto sério, de cunho informativo. No segundo caso, a nossa motivação para a leitura é bastante diferente – de informacional para entretenimento: as expectativas e a máquina de atribuição de significados são “ajustados” em canais distintos se compararmos as duas situações de leitura.

## 2. Descrição semântica

Para a descrição semântica que pretendemos neste estudo, adotaremos o modelo de Ducrot (1987), segundo o qual a compreensão de enunciados de determinada língua implica entender-se tanto a significação como seu sentido.



Ducrot observou que o sentido global dos enunciados não pode ser visto simplesmente como soma global das significações. E acrescentou que o cálculo dos sentidos dos enunciados deve considerar porções mais amplas do que a palavra. Ele também comparou a diferença entre os cálculos de significações de enunciados levando-se em conta diferenças nos traços da enunciação e também sem considerá-los. A conclusão a que chega é que torna-se praticamente impossível apreender-se o sentido de um enunciado sem considerarem-se aspectos da enunciação.

Uma frase como *Ela é uma figurona* pode ter seu significado calculado de várias maneiras, dentre elas (1) comentário sobre indivíduo do sexo feminino que ocupa posição de destaque no cenário social; (2) crítica sobre a conduta de um indivíduo de sexo feminino; e (3) comentário jocoso sobre uma pessoa do sexo feminino. Essa diferença torna-se fundamental na compreensão do enunciado, e sobrepassa o entendimento de constituintes isolados (morfemas) do mesmo.

Segundo esse modelo descritivo, enunciados interpretados passariam por uma avaliação do falante/ouvinte, a quem caberia tomar decisões sobre sua natureza. Ao deparar-se com a seção de *classificados* de um jornal, pouco ativa-se do que se convencionou denominar de “hipótese interna”, pois o leitor utiliza habilidades de recepção de informações, ficando a compreensão do enunciado sujeita ao componente lingüístico (CL), muito mais do que ao componente retórico (CR). Trata-se do tipo de compreensão “ao pé da letra”, segundo a qual não se admitem metáforas ou figuras de linguagem, além de ser imprescindível o uso de uma linguagem quase telegráfica (a fim de minimizarem-se custos do anúncio, otimizar o uso do espaço publicitário, evitar desvios de compreensão).

Conforme sintetiza Charaudeau (2000:51), o sentido do discurso resulta da operação de duas forças: uma, centrífuga (remete a condições extralingüísticas de enunciação); outra, centrípeta (organiza o sentido numa sistematicidade intra-lingüística). O autor salienta o aspecto tridimensional da lingüística do discurso, delimitada entre mundo, sujeito e realidade.

### 3. Pressupostos e subentendidos

Ao calcularmos o sentido de enunciados, levamos em conta pistas lingüísticas e não-lingüísticas. As lingüísticas incluem os enunciados e seu conteúdo semântico. Para melhor compreensão da noção de pistas não-lingüísticas, observemos o enunciado que se segue:

*Marta ainda não chegou.*

Essa frase traz em seu conteúdo uma informação incontestável (porque lingüisticamente recuperável) a partir dos componentes do enunciado: *Marta não se encontra no mesmo local do sujeito da enunciação.*

No entanto, o enunciado também comunica potencialmente outros significados, dependendo do contexto particular em que se inserem: *Marta é esperada no local em que se encontra o sujeito da enunciação.* O fato de Marta não se encontrar nesse lugar no momento não é uma informação definitiva, tendo em vista que o advérbio *ainda* implica que essa situação pode mudar. O enunciado pode, inclusive, comunicar uma intenção de crítica, significando, nesse caso, *Marta está atrasada.* Torna-se evidente a diferença primordial entre os conceitos de *pressupostos* e *subentendidos*. Nestes, os

conteúdos dos enunciados não são verificáveis no nível frástico; naqueles, a veracidade dos enunciados pode ser checada no próprio enunciado.

Fiorin (2002) destaca que em muitos casos a comunicação não é literal e deve ser entendida em relação a um contexto. O autor acrescenta que explicar como se dá a compreensão nesse caso é tarefa da Pragmática:

A Pragmática deve explicar como os falantes são capazes de entender não literalmente uma dada expressão, como podem compreender mais do que as expressões significam e por que um falante prefere dizer alguma coisa de maneira indireta e não de maneira direta. (p. 168)

Maingueneau (1996:33) destaca que a atribuição da coerência a um texto supõe a atividade de um leitor: “a coerência não está *no* texto, *é legível* através dele, supõe a atividade de um leitor.” Umberto Eco (1985) chama a atenção para o papel de preenchedor que essa atividade requer:

O objetivo do analista é então estudar “a atividade cooperativa que leva o destinatário a tirar do texto o que o texto não diz, mas pressupõe, promete, implica ou implícita, a preencher espaços vazios, a ligar o que existe nesse texto com o resto da intertextualidade, de onde ele nasce e onde ele irá se fundir (p. 80).

Ligando essas noções, Maingueneau elabora a noção de **leitor genérico** (id., p. 36). De acordo com essa concepção, ao conhecer seu público potencial, o autor pode brincar com as convenções, uma vez que este é um comportamento esperado de seu público-leitor. O autor destaca ainda que o leitor não se lança “desarmado” à tarefa de decodificação de um texto escrito. Sobre esse texto, ele

deve conhecer pelo menos a época em que o mesmo se inscreve, o contexto histórico, os objetivos do mesmo e de seu autor. Mesmo podendo ser posteriormente refutadas, essas pistas orientam a tarefa de leitura. Dentro desse esquema, podemos afirmar que não existe o “leitor-zero” ou **leitor ingênuo**, que constituiria a personificação de alguém que lê sem objetivos. Isso seria desvirtuar o processo de leitura, pois mesmo que o processo seja automático (p. ex.: a leitura de um *outdoor* de um passageiro em um ônibus em movimento), o texto nele inscrito possui significado apenas se o assunto do cartaz despertar algum interesse nesse leitor (propaganda, informação importante, campanha de seu interesse etc.).

Outra diferença primordial entre pressupostos e subentendidos é apresentada por Fiorin: “[...] o subentendido é construído para que o falante, caso seja interpelado, possa, apegando-se ao sentido literal das palavras, negar que tenha dito o que efetivamente quis dizer.” (op. cit., p. 184)

Mais adiante, o mesmo autor apresenta uma finalidade sócio-comunicativa dos subentendidos:

O subentendido é um meio de o falante proteger-se, porque, com ele, diz o que quer sem se comprometer. Com os subentendidos, **diz-se sem dizer** [grifo nosso], sugere-se, mas não se diz. O grau de evidência de um subentendido depende do grau de notoriedade dos fatos extralingüísticos a que remetem. (ibid.)

Os pressupostos diferem dos subentendidos porque os primeiros podem ser recuperados através de análise dos constituintes lingüísticos. Em síntese, o cálculo dos pressupostos é lingüisticamente verificável, enquanto o dos subentendidos está circunscrito ao contexto enunciativo;

então, o mesmo enunciado pode ter diferentes sentidos, dependendo do contexto em que se inscrevem. Em última instância, o autor do texto salva sua face; assim, não se compromete com o que não é, de fato, “dito”.

Isso é fundamentalmente o que se verifica no texto humorístico de Agamenon: ao sugerir sem dizer através dos subentendidos, e evocar textos do conhecimento do leitor, o colunista não deixa de colocar ao leitor sua opinião, embora não se comprometa por ela. É o que analisaremos na próxima sessão.

#### 4. Intertextualidade

Outro aspecto bastante recorrente do texto humorístico e mais especificamente na coluna de Agamenon é a *intertextualidade*. Através dela, significados de outros (con)textos são evocados, e, novamente, constroem-se com poucas palavras; o autor elabora cenários complexos ao evocar textos conhecidos do público-leitor. O escritor se livra de parte do peso da responsabilidade pelo que escreve ao associar fatos contemporâneos com fatos de outros textos.

Esse processo é destacado por Bentes (2001):

[...] os textos reafirmam os intertextos retomados, reafirmam os seus conteúdos proposicionais e ainda orientam o leitor para concluir de forma semelhante àquela do texto-fonte. [...] É nesse sentido que Maingueneau (1976) postula para esse tipo de fenômeno um valor de captação de um texto por outro. (p. 270)

Bentes refere-se à “intertextualidade explícita” (id., p. 271) àquela referência onde o texto-fonte é indicado. Além

disso, elabora uma hipótese explicativa para a recorrência da intertextualidade em textos jornalísticos – despertar a atenção do leitor, ou, ainda, demonstrar criatividade na produção textual em questão, pois aciona conhecimentos sobre o texto-fonte a que se remete.

Maingueneau (op. cit.) menciona a distinção entre os diversos tipos de transtextualidade, estabelecidos por Genette (1982): a *intertextualidade*, que é a mais visível, implica a co-presença de dois ou mais textos. Além desta, apresenta a *paratextualidade* (títulos, notas, prefácios, posfácios etc), a *metatextualidade* (quaisquer comentários sobre um dado texto), a *arquitextualidade* (designação genérica em que se inscreve determinado texto (novela, quadrinhos, humor etc.) e a *hipertextualidade* (relações que unem um texto a outro anterior). Neste trabalho, concentraremos-nos apenas na intertextualidade, pois caracteriza-se na transtextualidade que a coluna de Agamenon evoca por carregar significados e contextos não mencionados ou explicitamente ditos no texto humorístico.

## 5 O estilo humorístico de Agamenon

### 5.1 Texto *OTÁRIO ELEITORAL GRATUITO* (O Globo, 25/08/2002)

#### Otário eleitoral gratuito

Esta semana a vida sexual dos brasileiros, que andava uma pasmaceira, ganhou uma incrementada: começou o horário eleitoral gratuito! Assim sendo, duas vezes por dia (uma na hora do almoço e outra depois do “Jornal Nacional”), os casais brasileiros, na falta de coisa melhor para fazer, vão desligar a TV e partir para o sexo selvagem e sem limites enquanto os candidatos *f#\$%^&\*&^% dem*

com a nossa paciência na telinha. Mas tem um probleminha. Como a maioria dos maridos brasileiros, eu, Agamenon Mendes Pedreira, nunca estou em casa na hora do almoço, o que vai obrigar a Isaura, a minha patroa, a se virar (com duplo sentido, por favor) com o padeiro, o leiteiro, o encanador e outros profissionais que atendem em domicílio.

O horário eleitoral é uma espécie de novela “Esperança”: ninguém assiste mas todo mundo fala mal. E cada vez mais a campanha política fica parecida com a dramaturgia. Tanto isso é verdade que a Frente Trabalhista será estrelada pela Patrícia Pillar e, assim como na novela das oito, o programa do Ciro Gomes também vai ter personagens com sotaque, no caso o Mangabeira Unger, que só vai ser compreendido por quem tiver em casa televisão com a tecla SAP.

José Serra do Caixão, que não quer ficar para trás (apesar de as pesquisas apontarem o contrário), também entrou na onda das novelas e chamou a Glória Perez, a autora de “O Clone”, para escrever o seu plano de governo. No núcleo pobre da candidatura do Serra, Glória Perez mandou avisar que vai botar a Dona Jura na Presidência do Banco Central. Até que pode dar certo porque, do jeito que a coisa vai, o Serra virar presidente é uma obra de ficção.

Mas a influência das novelas não se limita aos candidatos à Presidência. Aqui no Rio de Janeiro, a candidata do PT, Benedita da Silva, vai basear toda a sua campanha na “Escrava Isaura”, e a Solange Amaral em “Desejos de mulher”.

*Agamenon Mendes Pedreira* é o Papa Nicolau do jornalismo brasileiro

## 5.2 A estrutura do texto de Agamenon

O texto humorístico evoca o sentimento de insatisfação do eleitorado, a quem são impostos esses

horários. Essa expressão é polissêmica, pois, ao longo do texto, pode referir-se ao eleitor, ao marido que não está em casa no primeiro dos dois horários eleitorais diários, bem como a um dos candidatos à presidência, cuja probabilidade de vitória é comparada a uma “obra de ficção”. Assim, dependendo do contexto a que o (e)leitor inscrever o enunciado, este poderá comunicar um daqueles sentidos.

Daí por diante, o autor faz comparações da programação imposta pela justiça eleitoral com novelas, autores e personagens da televisão já conhecidos do público em geral. Para isso, recorre a associações falácias, como o fato de Patrícia Pillar, mulher de um dos candidatos à presidência da República e atriz, “estrelar” o programa da Frente Trabalhista.

Outro candidato a quem o colunista faz referência é a Zé do Caixão, ao chamar o candidato do PSDB, José Serra, de José Serra do Caixão. Essa associação pode estar vinculada ao fato do quase total insucesso da campanha do candidato. Outra paródia feita inclui a novela *O Clone*, que, segundo o colunista, influenciou a escolha da futura presidente do Banco Central de um dos candidatos.

Agamenon também evoca outros textos coloquiais (intertextos coletivos), porque fazem parte do repertório de expressões idiomáticas utilizadas cotidianamente. Esse recurso faz com que o texto se aproxime da oralidade e confira um aspecto menos literário e, portanto, menos formal, característica primordial de textos humorísticos. Assim, encontramos as expressões “f#%&^\*\*&^% dem com a nossa paciência”, “na falta de coisa melhor para fazer”, “se virar”, “não quer ficar para trás” e “do jeito que a coisa vai”.

A primeira expressão faz uso do mesmo recurso utilizados pelos quadrinhos para caracterizarem uma palavra de baixo calão usada por um personagem. Note-se que a

compreensão desse recurso pressupõe o conhecimento de outro tipo de gênero textual, a fim de preencher-se o significado da expressão.

O uso da expressão “do jeito que a coisa vai” também evoca o conhecimento dos resultados das pesquisas eleitorais realizadas pelos institutos de pesquisa, que apontam um declínio do candidato da situação e um avanço do candidato da oposição.

O humorista termina o artigo se anunciando como o Papa Nicolau do jornalismo brasileiro. Essa auto-titulação evoca a expressão “ele é o Papa nesse assunto”, que indica o domínio de grande conhecimento por um indivíduo sobre determinado assunto e faz um trocadilho com o exame Papa Nicolau, que diagnostica doenças do útero. Assim, um leitor com uma visão mais abrangente e crítica pode concluir que o jornalista faz uma avaliação de sua previsão sobre a campanha da sucessão presidencial, que, na data da publicação do artigo, encontrava-se em fase embrionária – a derrota do candidato da situação.

## **Conclusão**

Qualquer texto, seja ele escrito ou falado, expressa bem mais do que o conteúdo semântico de seus componentes morfológicos e sintáticos; seu significado atinge horizontes além dos limites da frase e se estendem a fronteiras quase impossíveis de delimitar ou restringir. Nosso trabalho pretendeu constatar como o não-dito é responsável por estabelecer a coerência de um texto jornalístico de humor.

Existem vários motivos por que esse fenômeno ocorre: essa aparente imprecisão dos textos atende, em princípio à noção de economia do discurso, segundo a qual um enunciado

quer dizer sempre mais do que a soma de seus componentes no nível frástico. Outra finalidade atendida é a pretensa isenção ou neutralidade por parte do autor do texto.

Esse aparente distanciamento por parte do escritor propicia uma proteção em relação ao que é sugerido no texto: o enunciador, que apenas insinua, não afirma; não se compromete. Nesse jogo de proteção de sua face atrás de sua enunciação muda, o escritor diz sem dizer. São as regras conversacionais cooperativas que permitem o leitor “preencher lacunas” e decodificar um texto coerente.

Outro recurso recorrente que também atende a máxima da economia no discurso é a intertextualidade. Além de servir a outros propósitos, a intertextualidade traz à tona noções de outros textos, que não estão “presentes”, mas elicitam diversos co-textos e idéias que cada um deles encerra.

Neste breve estudo, fizemos uma síntese dos recursos utilizados para a construção do significado através do não-dito num texto jornalístico. No entanto, estamos conscientes de que esta análise dá conta apenas de um aspecto da construção do texto; vários outros poderiam ser abordados, como a escolha lexical na construção do enunciado e o uso de comparações, por exemplo.

No entanto, acreditamos ter cumprido uma das tarefas do semanticista. Analisamos de maneira sucinta os principais recursos de que lança mão o autor para dizer o que, de fato, “não diz”. E explicitamos como eles influenciam a compreensão do leitor. Vale ressaltar que na construção do significado de um texto humorístico, como o de Agamenon Pedreira, é crucial o papel do leitor em estabelecer uma coerência ao texto. Esses conhecimentos evocados somente conferem a coerência ao texto se forem partilhados com o público-leitor, que, cooperativamente, complementa o que foi dito com o que foi sugerido e/ou evocado.

## Referências Bibliográficas

- BENTES, Anna Christina. "Linguística Textual". In: MUSSALIM, Fernanda e BENTES, A. C. *Introdução à linguística. 1: Domínios e fronteiras*. São Paulo, Cortez, 2001.
- BRÉAL, Michel. Ensaio de Semântica. Ciência das significações. São Paulo, EDUC/ Pontes, 1992.
- BROWN, Gillian & YULE, George. *Discourse Analysis*. New York, Cambridge University Press, 1983.
- CHARAUDEAU, P. *Lengua, Discurso, Texto*. Madrid, 2000.
- CHARAUDEAU, P. *Le dialogue dans un modèle de discours*. In: *Cahiers de Linguistique Française*, nº 17, Genève, 1995.
- DUCROT, O.. *O dizer e o dito*. Campinas, Pontes, 1987.
- ECO, U. *Lector in Fabula* Grasset, Sites/Lumen Books 1985
- FIORIN, J. L.. *A linguagem em uso*. In: FIORIN, J. L. (org) *Introdução à Linguística*. São Paulo, Contexto, 2002.
- GENETTE, G. *Palimpsestes*. Seuil, 1982.
- GRICE, H. P. *Logic and conversation*. In COLE, Peter & MORGAN, Jerry (orgs.) *Syntax and Semantics*. Speech Acts. New York, Academic Press, 1975.
- KOCH, I. V. & TRAVAGLIA, L. C.. *A coerência textual*. São Paulo, Contexto, 1995.
- MAINGUENEAU, D. *Pragmática para o discurso literário*. São Paulo, Martins Fontes, 1996.
- OLIVEIRA, R. P. de. *Semântica formal: uma breve introdução*. São Paulo, Mercado de Letras, 2001.
- TOVAR, CHARAUDEAU, ALCONCHEL, RECUERO y ALONSO (eds.). *Lengua, Discurso*. Vol. 1. Madrid, Visor Libros, 2000.